

Dibuk: um autor, um tema e uma peça*

Dibuk: an Author, one theme and one piece

Jacó Guinsburg**

Resumo: A peça *O Dibuk*, de Sch. An-Ski, é um dos maiores êxitos do teatro ídiche e hebraico, mas teve um caminho difícil para chegar à cena. Este artigo analisa o seu percurso e o contexto de sua produção.

Palavras-chave: Dibuk. Teatro. Judaísmo.

Abstract: *The Dibuk* by Sch. An-Ski is one of the biggest hits of Yiddish Theatre and Hebrew, but had a difficult road to reach the scene. This article discusses the context of their production.

Keywords: Dibuk. Theater. Judaism.

Schloime Zainvil Rapaport, o autor de *O Dibuk*, conhecido no mundo literário judeu e russo sob pseudônimo de Sch. An-Ski, nasceu na cidade de Vitebsk, em 1863. Filho de família de poucos recursos – o pai era um modestíssimo representante comercial e a mãe cuidava de uma taberna – cresceu entre camponeses e gente do povo. Recebeu educação judaica tradicional, primeiro no *heder*, uma espécie de escola de primeiras letras hebraicas, onde as crianças também aprendiam as práticas e os preceitos religiosos, se iniciavam na Torá com os comentários de Rashi (Rabi Salomão ben Isaac, 1040-1105), e depois na *ieschiva*, um como que seminário de estudos mais avançados, que giravam em torno do vasto *corpus* da legislação talmúdica e da exegese rabínica, principalmente.

Foi nesse contexto que, à semelhança do que ocorria nesta época com numerosos judeus da Europa Oriental, os olhos de An-Ski começaram a abrir-se para as “luzes” da Hascalá (Iluminismo judeu) que se filtravam crescentemente para dentro das ruelas do *shtetl* (cidadezinha) e dos guetos judaicos. Os racionalistas hebreus, com sua polêmica voltairiana ou ilustrada contra o medievalismo e o obscurantismo, das formas dominantes na vida judaica de então e o seu avassalamento aos dogmas da ortodoxia religiosa, foram portadores de um ideário filosófico, social e político inspirado na Revolução Francesa e nos movimentos de reforma e de democratização que ela desencadeara. Secularizar-se, ilustrar-se, profissionalizar-se, europeizar-se, integrar-se nas culturas e nos valores dos povos em cujo seio o judeu vivia, dignificar e renovar o modo de existência do indivíduo e da coletividade israelita, era a pregação e a bandeira de lutas dos *maskilim* (iluministas), nas pegadas do modelo liberal e burguês que lhes vinha do Ocidente, bem como de seus êmulos eslavos e russos.

Assim, ainda adolescente pôs-se a ler os escritores da Hascalá, em obras hebraicas sobretudo (os racionalistas judeus preferiam veicular suas idéias na “língua culta” e apenas começavam a recorrer ao “bárbaro jargão” popular, o ídiche). M. L. Lilienblum (1843-1910), uma das figuras de proa do “maskilismo”, marcou particularmente esse período da formação espiritual de An-Ski, com a narrativa autobiográfica *Hateot Neurim* (*Negros pecados*), pintura magistral de uma vida de lutador social e do árduo itinerário por ele percorrido formulação de seu pensamento e na propagação de seus ideais. Mas o impulso que esse e outros escritos “iluministas” imprimiram no jovem não chegou a satisfazer-se apenas com os “esclarecimentos” e o saber da Ilustração judaica. Como tantos outros *ieschive-bokhirim* (rapazes, discípulos de *ieschiva*), foi tomado pela sede de conhecimentos que arrebatou todos aqueles filhos do gueto, da geração de An-Ski em especial, levando-os a transpor as fronteiras de sua comunidade e de sua cultura específicas, rumos a horizontes que lhes pareciam mais amplos:

Separados, devido às disciplinas tradicionais do ensino judaico, da língua, literatura e ciência russas, eles iam procurá-los como a um fruto proibido, na maioria das vezes às escondidas, sem que os pais soubessem. Estudavam a língua russa sem qualquer método, de maneira primitiva, simplesmente decorando frases inteiras dos livros de literatura, compreendiam mal o conteúdo ou o deformavam, pronunciando de tal modo as palavras que os russos “de verdade” só conseguiam compreendê-las com grande dificuldade. Liam assim Puchkin, estudavam as concepções de Pissarev, discutiam-nas sob todas as formas possíveis, entusiasmavam-se com os ingênuos romances radicais de Scheller-Mikhailov (1838-1900), tratavam acirradas polêmicas para determinar quem era maior: este último ou Dostoievski? Tudo o que logravam entender, convertia-se em algo que procuravam introduzir imediatamente na vida, pelo qual rompiam os laços de família que os prendiam ao “velho mundo” e se punham a construir a vida de uma nova maneira,

conta Victor Tchernov, em seu livro sobre os *Militantes judeus no Partido Socialista-Revolucionário*,¹ ao caracterizar o meio e o movimento em que An-Ski se vira envolvido nestes primeiros passos para fora do seu ambiente de origem. Tchernov prossegue o seu relato com as palavras do próprio An-Ski:

Nós vivíamos, compreende-se, numa comuna – contava-me com um sorriso Semion Akimovitch (nome e patronímico russo de Sch. An-Ski) – isto queria dizer: nós todos passávamos fome igualmente... Nenhum de nós dispunha de uma fonte permanente de sustento. De vez em quando alguém conseguia umas aulas, um serviço qualquer, um par de rublos de uma caixa de ajuda a estudantes. Ficamos meses a fio nos alimentando unicamente de pão e chá; às vezes nem isto havia. Nossa atitude para com a nossa pobreza era não apenas de desdém filosófico, mas também de orgulhoso entusiasmo. Tudo isso fazia parte do espírito daquela época. Semion Akimovitch me transmitiu o que lhe era narrara pessoalmente o conhecido membro do Comitê Executivo da *Narodnia Volia* (vontade do povo), Lev Hartman, sobre os tempos de sua mocidade: "Houve dias em que nós todos, os seis que morávamos num cômodo, tínhamos somente dois pares de sapatos. Quatro ficavam em casa esperando pelos sapatos do companheiro que devia voltar da cidade; os dois pares serviam a todos os seis..."

Tal era a atmosfera que o jovem egresso da *ieshiva* respirava, na sua busca apaixonada de educação e progresso. Aos dezessete anos começou a aprender a língua russa, à qual estava pouco afeito até então, e a tomar contato mais estreito com a notável produção intelectual e literária que medrara nesse idioma. An-Ski não tardou a cair sob a influência do pensamento radical. A crítica de Herzen, Bielinski, Tchernitchevski e Pissarev calou em seu espírito, atraindo sua atenção para as condições de existência do povo russo e as injustiças reinantes na sociedade em geral. Empolgado pelas tendências dominantes nos círculos *narodnikis* (populistas), também “foi ao povo”, isto é, participou do movimento que no fim dos anos setenta e início da década de oitenta do 19 levou às aldeias e povoados do império czarista parte ponderável da jovem *intelligentsia* revolucionária com o objetivo de promover a instrução, despertar a consciência e agitar os problemas das massas camponesas, preparando-as para uma ação política que instaurasse novas relações em todos os planos da vida coletiva, com base num tipo de socialismo agrário russo.

Em função dessa militância, pôs-se a peregrinar por localidades e ocupações. Aprendeu os ofícios de alfaiate e encadernador, trabalhou em fábricas, foi mineiro no Don e mestre-escola em vilarejos da

Lituânia, Rússia Branca e Ucrânia. No curso dessa vida errante, conviveu com o mundo gorkiano de vagabundos, carregadores, camponeses, operários e artesões – com toda a arraia miúda de oprimidos e espoliados pela autocracia imperial.

Ao mesmo tempo, mantinha contatos com elementos da intelectualidade “populista”, correspondendo-se com Gleb Uspenski, que o chamou em 1882 a São Petersburgo e o introduziu na imprensa ligada aos *narodniki*, para a qual passou a escrever. An-Ski estreou na literatura de ficção com *A história de uma família*. Composto originalmente em ídiche e vertida para o russo pelo próprio autor, ela apareceu em 1884, no periódico judeu-russo *Vochsod*. A esse relato, que alguns críticos colocam entre os melhores de sua lavra, seguiram-se *Na taberna*, *No pátio senhoril*, *Em nova terra*, *Ovelhas*. Publicadas em jornais de língua russa, são narrativas que lembram, pelo halo de simpatia e bondade com que envolve as figuras do povo, a literatura “populista” de Uspenski e Vladimir Korolenko. Trata-se de um ethos característico ao qual se acrescenta ainda, como um segundo traço peculiar, o realce dado a uma qualidade ética que seria inerente ao homem do povo e continuamente manifesta em sua existência. Assim, não é de admirar que nas obras de An-Ski desse tempo, se possa notar, ao lado da descrição realista dos ambientes, o fino cinzelamento das personalidades populares, quase sempre iluminadas por um lampejo de poesia.

Em 1892, An-Ski viu-se sob a mira da polícia czarista e para escapar-lhe, partiu para a Suíça, indo a seguir à Alemanha. Em 1894, transferiu-se para Paris onde exerceu o cargo de secretário do famoso teórico do populismo russo, P. Lavrov (1823-1900), até a morte desse revolucionário atuante, amigo de Marx e Engels, mas eclético em suas concepções filosóficas e sociológicas. Na capital francesa ainda, trabalhou na Escola Internacional em companhia de outros intelectuais russos ligados ao movimento democrático e socialista. O processo revolucionário entrava então, na Rússia, na fase ascensional que culminou com a explosão de 1905, e An-Ski, ligado ao Partido Socialista-Revolucionário, regressou à terra natal, onde desenvolveu intensa atividade política e jornalística.

Nesses primeiros anos do século 20, também voltou a acentuar-se o interesse de An-Ski pela gente e pela cultura às quais pertencia por nascimento. É verdade que jamais se marginalizara inteiramente. Mas o foco principal de sua atenção estava situado fora, no “grande mundo”. Como intelectual e militante de esquerda, absorvera-se nos problemas e nas lutas da nação russa como um conjunto, ainda que multinacional. Agora, porém, depois dessa longa dedicação quase exclusiva ao mundo não-judeu, sobretudo após o Caso Dreyfus, começava a tornar-se cada vez mais sensível ao chamado das forças renascentistas que agitavam principalmente o judaísmo da Europa Oriental. Era a época em que principiavam a conjugar-se e a assumir feições mais definidas os esforços de renovação cultural e artística e os de libertação nacional e de reestruturação sócio-política. An-Ski, sob a influência de I. L. Peretz, um dos três “clássicos” da moderna literatura ídiche, e sobretudo de Haim Jitlovski, amigo de infância de Zainvil, seu companheiro de lides políticas e pensador cuja contribuição foi marcante na ideologia do S. R. russo e do “nacionalismo do Galut” judeu, An-Ski encetou sua viagem de retorno à literatura judaica ou, mais especificamente, à ídiche.

Dedicou então sua pena ao jovem socialismo israelita, escrevendo numerosas canções de luta revolucionária, entre as quais “No salgado mar das lágrimas humanas” e “O juramento”, a chamada Marselhesa judaica e hino oficial do Bund (Liga Geral dos Trabalhadores Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia). Desse período datam igualmente alguns de seus melhores trabalhos de ficção narrativa, quer em ídiche, quer em russo. Em 1904, iniciou a publicação, no *Vochsod*, dos *Pioneiros*, uma série de relatos sobre o Iluminismo judaico, a Hascalá, os tipos que o encarnaram, bem como os conflitos sociais que provocou. Além de uma peça em um ato, *Pai e filho*, escreveu o romance *Na nova torrente*, uma narrativa sobre a revolução de 1905, e o poema *O Asmodeu*.

O surto de anti-semitismo programado e protegido pelos círculos governamentais e a série de violentos *pogroms* que estes promoveram após a frustrada rebelião de 1905, pronunciaram ainda mais

o interesse de Rapaport pelo universo judeu e suas manifestações específicas no contexto do Leste europeu. Isso se traduziu, entre outras coisas, num labor de grande envergadura no campo da etnografia e do folclore israelitas.

Desde cedo, An-Ski sentiu-se atraído pelos produtos da cultura popular. Na infância e juventude, ouvira e guardara um rico repertório de histórias correntes entre a gente do povo. Mais tarde, em suas andanças, recolheu e anotou no ambiente eslavo farto material dessa natureza. E, em consonância com seu engajamento no movimento dos *narodniki*, empreendeu uma síntese do caráter das criações folclorísticas russas e de suas próprias conclusões acerca do emprego desse acervo na literatura devotada à educação das massas, escrevendo o *Estudo sobre a literatura popular*. Ainda em língua russa, com base nos mesmos materiais, compôs dois livros que tiveram repercussão na época, sobretudo no meio “populista”: *O povo e o livro* e *O povo e o rei*, valendo-lhe esse último um processo por crime de lesa-majestade.

Durante a sua permanência no Ocidente europeu, estudou igualmente o folclore francês e chegou a esboçar um largo trabalho sobre *Folclore sócio-político comparado*, onde delinearía suas concepções sobre o tema epigrafado e apresentaria, à luz de um enfoque próprio, relações até então relegadas a segundo plano pela análise acadêmica. Mas as atividades políticas, literárias e jornalísticas, impediram-no de levar o cabo o projeto. Isto, porém, não arrefeceu o seu interesse por esse campo de estudo e, ao concentrar novamente a atenção na vida judaica, sentiu-se desde logo atraído por seu folclore, um riquíssimo domínio da experiência e da expressão coletivas do povo judeu. Tratava-se de um setor quase inexplorado na época, sobretudo no que concernia ao espaço cultural dos *aschkenazim* da Europa Oriental, embora remontem a 1896-1898 e à iniciativa de um rabino alemão, Dr. Max Grunwald, “os exemplos pioneiros do estudo das formas populares e da história cultural judaica contemporânea”, no dizer de Dov Noy.² Seja como for nesse caso específico, as primeiras investigações produziram frutos imediatos e An-Ski publicou vários estudos sobre o assunto na *Ievreiskaia Entziklopedia*, no *Ievreiski Mir* e em outros veículos, como revistas e coletâneas.

Num desses trabalhos, estampados em 1908, em *Perejitaie* (“O vivido”), um conjunto de ensaios em russo, An-Ski aborda o caráter de “A criação popular judaica” e, curiosamente, parece antecipar as formulações que serão basilares na obra, hoje clássica, de Yehezkel Kaufmann sobre *A religião de Israel*.³ Diz ele:

Na criação judaica, não apenas na produção poética popular, mas também na do legado nacional antigo (na forma em que chegou até nós), faltam quase todos os motivos básicos da criação poética popular dos outros povos civilizados (...). À poesia nacional e popular judaica são inteiramente estranhos motivos como a idealização da força física, o entusiasmo pelos azares de guerra, a celebração do heroísmo e das vitórias cavaleirescas – em geral lhe é estranho toda medida diante da força física triunfante (...). O povo judeu, que trouxe ao mundo a idéia do monoteísmo, adotou este culto na abertura da vida nacional, ainda antes que o povo lograsse criar para si deuses nacionais, uma cosmovisão pagã e uma lenda pagã (...). A segunda razão do fenômeno acima mencionado é a forma excepcional e singular da vida nacional do povo judeu no curso dos últimos dois mil anos. Tendo perdido a sua terra, a vida estatal independente, perseguido e desarmado, o povo judeu não possuía chão para uma poesia heróica e, menos ainda, motivo para entusiasmar-se com as vitórias e proezas de conquistadores, heróis e cavaleiros de outros povos.

An-Ski, entretanto, não se contentou em aflorar os temas do folclore na pura discussão teórica ou especulativa. Nessa época, as pesquisas de campo em matéria de etnografia judaica careciam não só

de um labor sistemático na coleta de elementos, mas até mesmo de bases e métodos seguros de investigação científica. Com tais objetivos, An-Ski organizou, em 1912, a Expedição Etnográfica Judaica, que durante três anos percorreu várias províncias do império russo, recolhendo da própria fonte popular, para um registro de ciência, os tesouros da criação cultural judaica.

Como resultado desse levantamento, An-Ski e seus colaboradores publicaram, em 1915, parte do Programa Etnográfico Judaico. Esse trabalho, que se tornou um importante ponto de partida para a ciência do folclore judeu, particularmente em sua província leste-européia, compreende 2.307 perguntas que envolvem todos os aspectos da existência grupal e de suas produções peculiares, costumes, crenças, tradições, modismos, etc. Por outro lado, o acervo reunido permitiu concretizar, em 1916, uma instituição que já estava prevista no plano inicial de An-Ski, o Museu Etnográfico Judaico, cuja rica coleção se encontra atualmente no Museu Estatal de Leningrado para a Etnografia dos Povos da U.R.S.S.

É ainda na mesma época e no arrastão da mesma pesquisa folclorística que se originou a obra máxima de An-Ski no terreno da criação artística: *Entre dois mundos – O Dibuk; uma lenda dramática*, como rezavam o título e subtítulo iniciais:

A idéia de *O Dibuk* me ocorreu em 1911, por ocasião de uma viagem à Volínia e à Polônia. Em Iarmolinetz, não havia onde alojar-se; por causa de uma feira ou não sei que outra causa, as duas ou três estalagens estavam lotadas; não foi possível conseguir quarto para Engels,⁴ nem para mim. Aconselharam-nos a pernoitar em casa de um rico da cidade que tinha uma larga mansão. Era um *hassid* (discípulo, beato) que ia uma vez por mês visitar o seu rabi (mestre hassídico) e nada fazia sem consultá-lo. O homem era pai de uma filha única, de dezesseis a dezoito anos, simpática, esbelta, com um rosto longo e pálido, e dois olhos profundos cor de cereja preta. Moça muito recatada, com os olhos sempre baixos e pensativos. Não falava quase. Só consegui tirar dela algumas palavras, pronunciadas tão docemente que mal foi possível ouvi-las. Mas, na refeição do *shabat*, enquanto um jovem discípulo da *beit hamidrash* (casa de estudos, sinagoga), de olhos azuis sonhadores e longos cachos laterais (*peies*) comia como convidado sabático,⁵ a jovem mudou inteiramente, ficou outra, como se houvesse, se revestido de uma nova pele. Permanecia sempre em pé, trazendo os pratos da cozinha e os depondo diante de cada conviva. Mas cada vez que ela chegava perto do rapaz, notei que os olhos de ambos se alçavam com um ímpeto ignorados pelos comensais vizinhos e, possivelmente, ignorado deles próprios. Eu compreendi que suas almas jovens e puras palpitavam com um oculto magnetismo. A última noite do *shabat*, luzes acesas, bebendo chá, o pai, cheio de alegria me falou dos seus negócios e de um casamento que estava contratando para a filha: um moço muito bem dotado, sério, filho único de um judeu de grande linhagem e muito rico. Não sei por que, no mesmo instante, me veio a idéia de que uma tragédia iria ocorrer naquela casa. Desde esse dia, a toda hora eu tornava a pensar nas possíveis formas dessa tragédia. No decorrer de minha viagem pelas cidadezinhas vizinhas, aquelas imagens se empanaram, depois voltaram, como em sonho. Uma noite meu espírito povoou-se de uma dezena de histórias de *dibukim* (almas errantes) e lendas reunidas no caminho. Eu desejava criar algo cuja origem estivesse no folclore, mas com base na vida real de hoje. Na manhã seguinte, escrevi um primeiro esboço, eu não sabia bem do que.⁶

Mas foi com a explosão da conflagração de 1914, no ambiente de desolação e morte, não só para as forças em luta, como para a escoraçada e martirizada população judaica nas áreas de combate, que An-Ski encontrou a atmosfera e a inspiração, perseguição e misticismo fundindo-se no mesmo sopro, para recobrar o impulso e tematizar dramaticamente as projeções que vinham em seu bojo:

Nas regiões sinistradas, conta ele, eu vi ao meu redor sombras de homem, de semblante misterioso, que pairavam em mundos desconhecidos por nós. Certa vez, à hora crepuscular da prece vespertina, entrei numa *beit hamidrasch*. Vocês se lembram: o primeiro ato de meu *Dibuk*? É uma cópia exata daquela *beit hamidrasch* da Galícia que eu vi numa noite de inverno. Desde então, a idéia do *Dibuk* amadureceu cada vez mais em mim. Em Tarnov, enquanto a cidade era bombardeada pelo grande Berta⁷ dos alemães, eu pus sobre o papel o primeiro ato. Escrevi o segundo algumas semanas depois, na Galícia. Em Kiev, chamado pelo comitê de ajuda judaica, li os dois atos para o engenheiro M. N. Sirkin, que gostou muito do tema, mas não pôde me dar uma opinião definida. Escrevi em Moscou os dois outros atos.⁸

Essa peça, destinada a ser um dos maiores êxitos do teatro ídiche e hebraico, teve um caminho difícil para chegar à cena. Durante vários anos, é verdade que sob as injunções de uma conjuntura de guerra e das atividades de An-Ski em função desta situação, o manuscrito foi mostrado aqui e ali, sem maiores resultados. O autor leu-o diversas vezes a grupos intelectuais judeus que, em geral, reagiram friamente. E, embora Stanislavski houvesse demonstrado interesse pela versão russa,⁹ sugerindo inclusive a introdução de uma figura de mensageiro, o diretor de Arte de Moscou não pôde encená-la. Na realidade, An-Ski não chegou a ver *O Dibuk* em cena. As primeiras apresentações verificaram-se alguns meses após a sua morte. Em dezembro de 1920, a Troupe Vilna (Vilner Troupe) estreou o texto em ídiche, e em janeiro de 1922, *O Habima* (O Palco), sob a direção do armênio Vakhtangov, representou a versão hebraica, feita em 1918, pelo poeta H. N. Bialik.

Nos últimos anos de vida, transcorridos sob o signo de hecatombe de 1914, An-Ski dedicou-se ao trabalho de auxílio às vítimas de conflagração. Na qualidade de delegado da Confederação das Cidades Russas, percorreu as áreas próximas às linhas de frente, organizando a ajuda aos deslocados de guerra. Testemunha da terrível situação que as operações bélicas e a brutalidade do anti-semitismo czarista impuseram, particularmente aos habitantes judeus daqueles rincões, transformando-os em massa martirizada de refugiados, sentiu-se tomado por um sentimento de solidariedade e protesto que marcou fundo a obra em três volumes, *Destruição da Polônia, Galícia e Bucovina*, onde narra as cenas da crueldade e desamparo humanos que lhe foi dado assistir. Em 1917, participou ativamente dos acontecimentos revolucionários, sendo eleito deputado social-revolucionário à Primeira Assembléia Constituinte russa. Quando se verifica o choque entre socialistas de vários matizes e bolcheviques, e mais especialmente após a queda do governo Kerenski, vendo-se ameaçado de prisão pelo novo poder, An-Ski se refugia em 1918, em Vilna, logo depois Otvosk e, quando esta é ocupada pelas forças soviéticas, parte para Varsóvia. Aí, cria uma sociedade etnográfica judaica, pouco antes de vir a falecer, a 8 de novembro de 1920.

Um dos maiores desejos do escritor era, além de ver *O Dibuk* no palco, efetuar a edição de suas obras completas em ídiche. Entretanto, isto só se concretizou após a sua morte. *Os escritos reunidos de Sch. An-Ski* compreendem 15 volumes de narrativas, artigos políticos, poesias, histórias hassídicas e estudos de folclore, bem como umas poucas peças: *Dia e Noite*, um drama hassídico inacabado, *Pai e filho*, *Alojamento clandestino*, *Avô*, retratos de vida em plano puramente realista, e, por fim, *Entre dois mundos* ou *O Dibuk*.

Certa vez, An-Ski escreveu a seu próprio respeito: “Não tenho mulher, nem filhos, nem lar e nem mesmo uma casa e móveis que sejam meus... A única coisa que me une fortemente a esses conceitos é – o povo”. E pode-se dizer que o povo em geral e particularmente o judeu foram o fio condutor e o sentido da existência de Sch. Zainvil Rapaport, seja na sua expressão política, seja na científica, seja na literária. Em *O Dibuk* este *leitmotiv* de uma vida e de uma atuação encontrou um lugar por excelência. Não apenas porque, como pretende Odette Aslan, a peça se liga “estritamente ao resto de sua obra, à sua tentativa de compreensão da arraia miúda judia, às suas pesquisas folclorísticas, à sua ‘enciclopédia de demonologia popular’ (no poema *Asmodeu*), à sua vontade de salvar as últimas migalhas de uma sociedade que ia desaparecer”,¹⁰ mas também porque, precisamente, enquanto obra de ação dramática, é o *epos* magistral de um modo de ser do judeu como grupo histórico e de seu ethos em determinada fase – talvez só encontrando paralelo no que Agnon plasmou em *Haknassat Kalá* (“O dote da noiva”) – e, mais do que isso, o terrível ajuste de contas crítico e o juízo final trágico com esse universo do judaísmo tradicional e a sociedade que o alentou.

* Este artigo foi publicado, originalmente, em *O Dibuk: Sch. An-Ski*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 17-27.

** **Jacó Guinsburg** é tradutor de Diderot, Lessing, Nietzsche e outros tantos escritores. Como ensaísta, publicou *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou*; *Leoni de’Sommi*: um judeu no teatro da renascença italiana; *Diálogos sobre teatro*; *Aventuras de uma língua errante*: ensaios de literatura e teatro ídiche, de 1996, (o mais importante estudo crítico sobre a língua e a literatura ídiche publicado na América Latina); *Stanislávski, Meierhold e Cia.*; *Da Cena em cena*, entre outros títulos. Professor de Estética Teatral e Teoria do Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é Professor Emérito, desde 2001.

Notas

¹ O autor foi um dos principais líderes desta corrente partidária, que teve nele um dos seus fundadores e, após a Revolução de Fevereiro de 1917, na Rússia, um de seus representantes no ministério de Kerenski.

² *Studies in Jewish Folklore*, offprint, Association for Jewish Studies, Cambridge, 1980.

³ “(...) a religião israelita foi uma criação original do povo de Israel. Era absolutamente diferente de tudo o que o mundo pagão conheceu; sua visão do mundo monoteísta não tinha antecedentes no paganismo (...). Era a idéia fundamental de uma cultura nacional e se enformou todos os aspectos dessa cultura desde o próprio início (...).” KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. New York: Schocken Books, 1972, p. 2.

⁴ Colaborador de An-Ski na Expedição Etnográfica Judaica, Joel Engel compôs a música de *O Dibuk*, para a encenação de Vakhtangov.

⁵ Era costume entre os judeus piedosos ter convidados eventuais ou regulares à mesa do *shabat*, mormente jovens discípulos dos seminários talmúdicos e das casas de estudo.

⁶ ZITRON, *Zu der Geschichte fun Dibuk*.

⁷ Nome dado, durante a Primeira Guerra Mundial, a uma peça de artilharia pesada alemã, de grande alcance.

⁸ ZITRON, *Zu der Geschichte fun Dibuk*.

⁹ An-Ski, supõe-se, escreveu a peça em ídiche e, logo em seguida, redigiu uma versão russa.

¹⁰ “Le Dibbuk D’An-Ski et la Realisation de Vakhtangov”, *Les Voies de la Création Théâtrale*, VII, Paris Éditions du C. N. R. S., 1979, p. 159.